

MINISTÉRIO DA CIDADANIA APRESENTA:

SUSTENTAMUNDO

VIAGEM AMAZÔNICA

Gabriela Brioschi



Realização:



Patrocínio:



Apoio técnico:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brioschi, Gabriela

SustentaMundo Viagem Amazônica / Gabriela

Brioschi ; [ilustrações da autora]. -- 1. ed. --

São Paulo : Kore Producoes Culturais, 2019.

ISBN 978-65-900844-0-8

1. Amazônia - Literatura infantojuvenil

I. Título.

19-27201

CDD-O28.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Literatura infantil O28.5

2. Amazônia : Literatura infantojuvenil O28.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

SUSTENTAMUNDO

VIAGEM AMAZÔNICA

Gabriela Brioschi



A ViaQuatro, concessionária que opera a Linha 4 – Amarela, do Metrô de São Paulo, incentiva projetos culturais que ajudam a tornar o mundo mais sustentável. Por isso, apoia a obra “Viagem Amazônica”, que retrata a cultura dessa região, a floresta e os animais que lá habitam. A empresa também estimula ações que enriquecem a viagem dos passageiros e tornam melhor a vida das pessoas que moram perto das estações. Boa leitura!



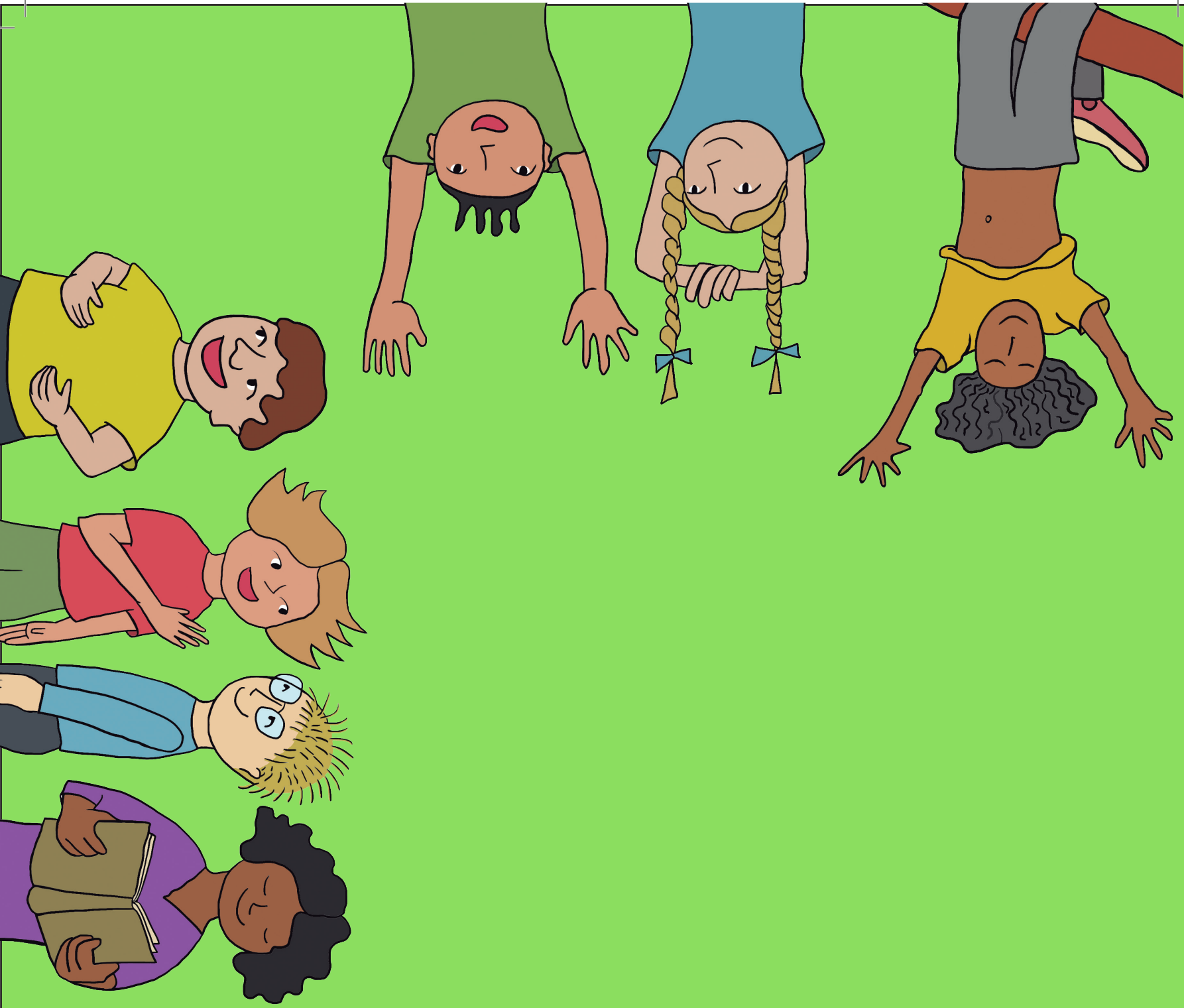
A Companhia de Gás da Bahia – Bahiagás, concessionária estadual dos serviços de distribuição de gás natural canalizado, convida o leitor a conhecer o livro infantil e ambiental SustentaMundo – Uma Viagem Amazônica. A obra, que recebe apoio técnico da Fundação Amazonas Sustentável (FAS), busca estimular os jovens a lidarem com as diferenças regionais que vivemos no século 21.

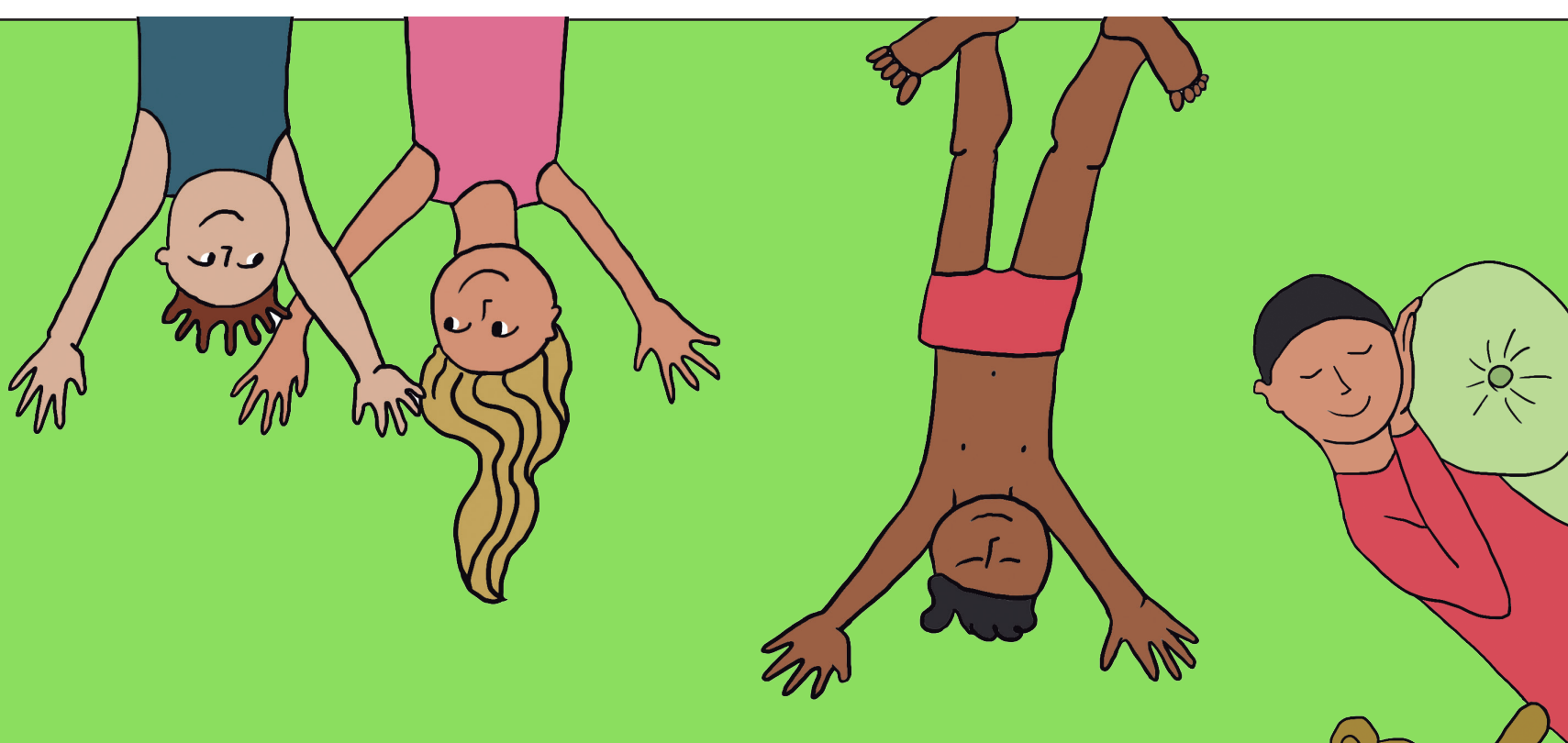
O projeto tem em sintonia com uma das principais missões da Companhia: a responsabilidade socioambiental. Endereça questões ambientais que podem tanto ser usufruídas pelas crianças como lidas junto com os adultos, criando uma atmosfera rumo ao início de uma mudança efetiva, buscando a sustentabilidade.

SustentaMundo – Um Viagem Amazônica conta com patrocínio da Bahiagás, tendo sido selecionado no Edital de Patrocínios a Projetos Culturais, Sociais, Esportivos, Científico-Acadêmicos e Ambientais de 2018-2019 da Companhia, que visa a difundir e estimular a produção cultural, bem como atividades esportivas em suas diferentes modalidades e projetos sociais, ambientais e científico-acadêmicos de interesse da sociedade.

Boa leitura!

Luiz Gavazza – diretor-presidente da Bahiagás





Esse livro é dedicado à todas as crianças da Amazônia,
de todos os tempos: passado, presente e futuro.
Esse livro é dedicado à todas as crianças que querem saber
o que é a Amazônia e o que tem dentro dela.
Esse livro é dedicado à todas as crianças que vivem
na floresta e perto dela.
Esse livro é dedicado à todas as crianças que vivem
perto dos rios da Amazônia.
Esse livro é dedicado à todas as crianças da Amazônia,
do Brasil e dos quatro outros países do território Amazônico.



DO AVIÃO

“De quem serão os olhos que brilham na noite de lua cheia? Do bugio, da onça ou da assombração?” Gaby Gaby sempre sentia um frio na espinha naquela parte do livro que gatnhou do tio Miguel.

Nem se lembrava da última vez em que os tios tinham ido à sua cidade. Agora ia vê-los em Manaus e ainda visitar a maior floresta tropical do planeta!

“A onça pode matar um boi! E o boto, então, de que tamanho seria? Será que ele come peixes? Quantos por dia? O boto-rosa deve ser lindo”. Gaby sonhava com os animais quando a aeromoça perguntou:

— Aceita algo para beber?

— Suco, por favor — pegou o seu suco, agradeceu e voltou-se para a janela, pensativa: “Parece um tapete de couve-flor gigante Um rio aqui, outro ali É tanto verde!”

Muito antes de entrar naquele avião, seu sonho já era conhecer a Amazônia, região onde estavam o maior rio do mundo em volume de água, a maior floresta tropical do mundo e o que mais? Os bichos! Trazia seu caderno com fotos, desenhos e informações sobre os bichos que queria ver lá. Lá estavam também os cartões que ela fez, à mão, para os tios queridos: tia Leila e tio Miguel.

Seu tio querido, de barba branca, falava com sotaque de nordestino. Ele foi muito jovem para Manaus e tinha acabado de abrir uma agência de turismo. Mas mesmo antes de abrir a agência, ele já tinha levado muita gente para conhecer a floresta, os animais e os rios da Amazônia.

Manaus era uma cidade no meio da selva. A mãe de Gaby contou que tio Miguel tinha um barco atracado no rio Amazonas, um rio tão grande que havia até iates lá. A menina imaginava turistas tomando sol, entre botos e sucuris, e achava engraçado.

— Você está viajando sozinha? — perguntou a mulher ao lado de Gaby, fechando seu laptop.

— Sim, mas vou encontrar meus tios já no aeroporto.

— Nossa, seus pais devem ser muito bacanas para dar uma viagem assim e ainda mais sozinha!

— É, eles são — respondeu Gaby, lembrando a briga enorme que teve com sua mãe por causa de celular e os sentimentos confusos que ainda tinha. Continuou: — E fui eu que juntei dinheiro para minha passagem!

— Hum, melhor ainda. Acho que estamos no tempo que as mulheres conquistam o que querem. Você não acha? — estendeu a mão para Gaby: — Eu me chamo Karina.

— Gaby — respondeu, decidida, a menina, olhando para Karina. — Você mora em Manaus?

— Sim, vim pra cá a trabalho. Parabéns, Gaby, você tem aí um lindo caderno de arte e

— Bichos! — completou Gaby, com timidez e feliz porque a viajante tinha reparado. — Esse aqui é o bugio, um macaco que adoro — mostrou a página com um desenho, uma foto e anotações sobre tamanho, o que comia e curiosidades sobre esse macaco.

— Por favor, guardem suas mochilas para a decolagem — disse a aeromoça.

— Quero ver muitos tipos de macacos: macaco prego, Sauim, Bugio. São muitos! — Gaby disse com entusiasmo.

— Ah! Eu estou aqui em Manaus e nem conheço esses macacos. Que bom é ser criança e ter essa alegria — disse Karina.

— Hum, acho que alegria não é uma coisa só de criança — disse Gaby, olhando sério para a Karina, que respondeu decidida:

— Você tem razão! Pois é, menina, você tem razão.

Quase quatro horas depois, o comissário de bordo anunciou a aterrissagem. Na hora de descer, Karina a ajudou a colocar a mochila nas costas. Despediu-se com um beijo. E Gaby agradeceu:

— Obrigada!

“Se ao menos eu pudesse dar um pouco de alegria a ela Já sei!”, fechou os olhos e imaginou uma estrela, bem pequena, rodando em volta da mulher. Karina lhe deu um beijo e se foi, ela nem sequer trazia malas.

“Nossa, que aeroporto grande”, pensou a menina, olhando o chão de pedra brilhante e as lojas com vitrines iluminadas. Aí ouviu seu nome.

— Gaby! Pronta para a floresta? — era o Tio Miguel, com seu sorriso e o bigode branco de sempre.

— Tio Miguel! — Gaby tomou um susto com a voz de trovão, logo depois se refez e abraçou o tio.

— Não é que você conseguiu, heim, menina? Até azucrinar seu pai e sua mãe, você azucrinou bem — tio Miguel ria alto, sua barriga sacodia. — Mas valeu!

— A vaquinha de Natal e a de aniversário funcionaram! — Gaby riu feliz, pensando que esse não achava que alegria é coisa só de criança.

— Até vendi bolo na escola! — completou. — Toda sexta-feira. Aí virou sexta-amazônica.

— Ah, é? E quem fez o bolo? — perguntou o tio.

— Claro que fui eu! — disse Gaby. — Fui economizando e agora estou aqui! Tio, a mamãe achou que eu ia esquecer logo do seu convite e desistir de conhecer a Amazônia.

— Que nada! Ela não conhece minha sobrinha!

— É, mas vocês deram muita força, com seus e-mails e ligações. Obrigada, tio! — deu mais um abraço no seu tio querido e depois se lembrou: — Temos que ligar para a mamãe, lá em casa! Tio, eu não tenho celular. Você acredita?

Lembrou-se da briga do celular, tirando aquela identificação que a aeromoça tinha colocado em seu pescoço.

— Meus pais dizem que não é bom criança ter celular. Todo mundo na rua e no prédio já tem!

— Quando eu era criança, nem telefone a gente tinha, no sítio Seco, lá no Nordeste.

— Sério? — ela perguntou.

— Claro — respondeu o tio. — E cada pessoa é de um jeito. Seus pais te deixaram viajar mais de mil quilômetros e ficar conosco. Tenho um celular antigo para você fazer suas fotos.

— Nossa, tio! Obrigada!

— Oi — disse um menino moreno, que apareceu com três garrafas de água. — Sou o Edu! — deu uma garrafa para Gaby, a outra, para o tio Miguel, e abriu a sua completando: — Aqui o clima é quente, tem que tomar muita água!

— Ah, esse vai ser seu guia da floresta — disse tio Miguel.

— Prazer, Edu.

— O Edu é meu sobrinho-torto — explicou o tio.

— Sobrinho-torto? — perguntou Gaby.

— É, tipo adotado — disse Edu.

— Vamos conversando no caminho para casa — falou o tio Miguel, já com a chave do carro na mão.

Gaby reparou que o menino parecia indígena, mas usava bermuda e tênis, como todos os meninos da escola. Pensou: “Será que eu pergunto?”

— Está com fome? Vamos lá, tia Leia está preparando coisas gostosas, como aquela banana frita da Amazônia!

— tio Miguel interrompeu os pensamentos de Gaby.

No caminho do aeroporto para a casa dos tios, eles pararam num congestionamento.

— Nossa! Quantos carros! — disse Gaby.

— É, e temos até um shopping center — disse tio Miguel.

— Do avião, parecia que era só floresta aqui embaixo e agora essa cidade é enorme!

A CASA COR-DE-ROSA

A casa cor-de-rosa do tio Miguel e da tia Leia ficava na parte antiga da cidade de Manaus. Olhando da rua, só se via uma parede com janelas. Quando entraram, que surpresa! Tinha um quintal no fundo e até árvores de frutas.

— Quanto tempo! Como você cresceu, menina! — tia Leia abraçou Gaby.

— Que sonho estar aqui, tia! Obrigada por me receber! — Gaby reá à mesa, da porta para o quintal veio um cheiro diferente.

— Que cheiro doce é esse? — perguntou Gaby.

— Graviola! Quer experimentar esse suco? — disse Edu segurando a jarra.

— A árvore esse ano está carregada! — disse tia Leia, oferecendo um prato com tapiquinhas.

Todos à mesa, que tinha bolo de fubá, tapiquinha de castanha e as bananas fritas mais deliciosas que já tinha comido! Tio Miguel tinha mesmo razão.

Estavam comendo lanche quando entrou pela sala, sem mais nem menos, um pato!

— Um pato em Manaus? — perguntou Gaby.

— O seu tio Miguel adora bichos! Tem dois patos, uma galinha, um gato e um cachorro.

— A gente já teve uma sucuri, a Carolina, mas hoje em dia está proibido — completou tio Miguel.

— Uma sucuri? Carolina? — Gaby riu.

— É. Ela chegou aqui muito machucada — explicou Tia Leia. — Foi ferida pela hélice do motor de um barco. Depois que sarou, a soltamos na comunidade Santa Rita do Japiim.

— É, lá na minha comunidade a gente pode ter cobra — disse Edu. Assoviou e um papagaio entrou, pousou na mesa e começou a bicar as tapiocas. Todos riram.

“Como é que ele fez isso de chamar o papagaio? E essa tal de comunidade, que eles falaram, o que será? E por que esse menino vive com os meus tios?”, Gaby pensou.

— Os papagaios são muito inteligentes, e quando começa a faltar comida na floresta eles veem mesmo da cidade! — explicou tia Leila.

— Vim para conhecer bichos selvagens da Amazônia. E eles já estão aqui! Andei pesquisado um pouco deles — ela acrescentou entusiasmada.

— Hum As pessoas do Brasil acham que aqui na Amazônia tem só bichos e árvores. — Edu falou.

— As pessoas do Brasil? Como assim? — Gaby perguntou.

— É, aqui na Amazônia se diz que o Brasil é o resto do Brasil — explicou tio Miguel. — Tudo o que não é a Amazônia.

“Que estranho. Então é tão longe aqui que eles acham que nem estão no Brasil?!”, pensou a menina.

Edu ajudou a tia Leila a tirar os pratos quando acabou a refeição. Ele sabia onde estavam os guardanapos e tudo o mais.

— Assim, você vai conseguir, além de aprender inglês, entrar na faculdade, como quer — disse tia Leila sorrindo. — Tudo isso sabe por quê?

— Porque lavo os pratos, tia? — perguntou Edu.

— Quase, mas não é bem isso: é porque colabora com alegria. Alegria é tudo nessa vida, Edu! É muito bom ter você aqui em casa.

“Ainda bem que aqui gente grande também sabe que alegria não é coisa só de criança, ufa!”, pensou Gaby.

— Assim vamos conseguir melhorar o turismo comunitário em Santa Rita do Japiim! — Edu disse entusiasmado.

— Turismo o quê? — Gaby perguntou.

— Turismo de base comunitária! É um jeito de viajar e conhecer locais com os moradores oferecendo um serviço, uma experiência — explicou tio Miguel. — Por exemplo, lá na Santa Rita do Japiim, você pode almoçar na casa de uma família, conhecer pratos típicos e ouvir as histórias, ou mesmo fazer um passeio de barco com os pescadores. Assim os turistas têm uma vivência do lugar e as pessoas da comunidade conseguem uma fonte de renda extra. Entende?

Gaby fez que sim com a cabeça.

— Sim, eu quero que a minha comunidade receba gente do mundo todo, por isso estou estudando inglês.

“Esse menino meio índio que não é índio é estranho. Como ele sabe tantas coisas? Ele é quase da minha idade. E por que mora aqui na casa dos meus tios? Por que é que a tia Leila gosta tanto dele? Será que estou com ciúmes dele? Ah, não, eu não”, pensou Gaby.

— Aqui nós somos caboclos — explicou Edu. — Todo mundo tem avô, tem bisavô que veio de algum lugar. Minha avó nasceu na aldeia, mas eu nasci e fui criado na Comunidade.

— Então você é descendente de índios, mas não é índio. Parece que você leu meus pensamentos.

Tomou coragem e tirou da mochila o seu caderno com colagens de bichos e mostrou para Edu.

— Olha! Esses são os bichos que estudei antes de vir aqui — disse Gaby.

— Mesmo sem nunca ter visto nenhum deles você fez tudo isso?

— Eu li que aqui na Amazônia existem macacos que podem percorrer quilômetros só pulando de uma árvore

à outra. É verdade? E que os maiores peixes de rio do mundo vivem aqui. É verdade? — ela falava com muita alegria dos animais.

— Tudo verdade — respondeu tia Leia, entrando na sala. — Bonito caderno.

— Que legal, você desenha bem. Demorou muito para fazer esse caderno? — Edu perguntou. — Parece que você tem o talento da sua tia Leia.

— Ah, a tia Leia é uma artista! Eu quero ser bióloga! Deixa eu ver — disse Gaby, pensativa. — O ano passado acho que faz uns dois anos desde que o tio Miguel foi lá na minha casa.

— Não, não é possível isso! Não — ouviram a voz de trovão do tio Miguel, que estava lá no seu escritório.

— Miguel, o que aconteceu agora? Você está com os cabelos em pé! — perguntou a sempre calma tia Leia.

— Todo o mundo devia já saber! Estão tirando as árvores da Amazônia, sendo que todo o regime de chuvas do continente depende dessa floresta tropical! Será que eles não sabem as consequências dessa devastação? — estava tão vermelho, parecia outro, de tanta raiva.

— O que foi agora, tio? — perguntou Edu.

— Conservação da floresta, será que ninguém entende? Começaram mais um desmatamento ilegal da região da Comunidade Santa Rita do Japiim. Já estávamos sabendo, mas parece que aceleraram o corte das árvores.

— E agora?

— E a gente fazendo tanto esforço para manter a floresta em pé, para desenvolver outras fontes de renda para a comunidade! — completou tio Miguel. Vamos ter que ir até lá para falar com mais pessoas.

— Miguel, a nossa sobrinha veio nos visitar, fizemos planos de ver o encontro das águas e o Teatro Manaus? — disse tia Leia.

— Acho que teremos de mudar a ordem dos nossos planos um pouco, vamos pensar. O que você mais quer ver aqui, Gaby?

— Tio, eu quero muito ver o boto, a sucuri, macacos — disse Gaby.

— Ah, é só isso mesmo o que os turistas querem ver, os bichos! Pois saiba que, sem árvores, não tem animal nenhum! Sem floresta, nada feito, menina da cidade! — disse Edu, bravo.

“Por que ele fala assim comigo? Não entendo. Só porque quero ver um boto? Ah, se ele nasceu aqui e já viu muitos, tudo bem, mas eu nunca vi”, pensou Gaby.

— Esses você vai ver, querida, com certeza — disse tia Leia.

— E vai entrar na floresta — completou tio Miguel.

— E todo o mundo já devia saber da importância da floresta! — completou Edu.

— Para o planeta inteiro! — arriscou Gaby.

— Vamos ter que ir para a comunidade amanhã, Leia! — disse tio Miguel, e depois se dirigiu à Gaby: — Você está com sorte. Lá em Santa Rita do Japiim com certeza verá alguns bichos.

— Eu já tinha imaginado essa mudança de planos, Miguel — tia Leia falou séria, mas com um sorriso. — Gaby, veremos o encontro das águas e o zoológico do INPA na volta.

“Zoológico, oba! Adoro zoológico. E vou entrar na floresta de verdade!”. Mesmo feliz, Gaby sentiu que algo sério estava acontecendo. Já tinha estudado sobre a importância de se preservar a Floresta Amazônica e de se plantar árvores, mas estar ali, no meio da confusão, era diferente. Uma coisa era estudar num livro, ver num vídeo outra coisa é ver, de bem perto mesmo, o corte das árvores.

A menina deixou os tios e foi até o quintal. Para sua surpresa, cada árvore tinha uma placa com nome: graviola, bacuri, pé de guaraná.

“Então é essa mesma, a fruta de guaraná? Parece um olho preto. É linda essa frutinha”, pensou.

Ao lado da árvore, viu uma placa com a lenda do guaraná.

A LENDA DO GUARANÁ

Era uma vez um casal, da tribo dos Maués, que desejava intensamente ter um filho. O poderoso deus Tupã deu ao casal um menino lindo, bom e justo. Mas o deus da escuridão, Jarupari, ficou com muita inveja. Um dia, Jarupari se transformou numa serpente venenosa e mordeu o menino. Quando os pais encontraram seu filho morto, a tristeza foi enorme, e os céus começaram a trovoar. Nesse momento, eles entenderam a mensagem do deus Tupã, mandando enterrarem os olhos de seu filho querido. E assim os dois fizeram. No lugar onde foram enterrados os olhos do menino, nasceu o primeiro pé de guaraná, e desse pé nasceram pequenos frutos, que parecem o olho de um menino. O guaraná é uma fruta que dá energia a quem a come.

MANAUS E MISTÉRIOS

No dia seguinte, Gaby acordou feliz, e se espreguiçou longamente enquanto ouvia os pássaros. Eles cantavam diferente naquela cidade. Aos poucos ela percebia que a floresta estava ali perto, nas histórias, no papagaio que entrou na sala e até em um tucano que acabara de ver pela janela! Mesmo com shopping e congestionamento, a floresta estava ali perto.

Tomou seu café da manhã de sabores exóticos. Tinha experimentado hoje o açaí. A cada dia ela descobria uma comida nova.

Estava tirando a mesa com a tia Leia quando viu pela janela um telhado redondo, com a bandeira verde e amarela:

— O que é aquilo, tia?

— É o Teatro de Manaus, que fica bem perto daqui. Você vai adorar conhecer — disse tia Leia. — Edu.

— O que foi, tia?

— Você pode, por favor, levar a Gaby até o teatro?

“Será que esse menino vai me odiar mais ainda porque a tia Leia disse para ele me levar ao teatro?”

— Hum, boa ideia, tia — e, se voltando para Gaby: — Vamos ver alguma coisa que não é floresta nem bicho, forasteira!

Os dois caminharam pelas ruas até o teatro, que era perto mesmo.

Por fora, o teatro era rosa, as escadarias eram impressionantes e havia muitos turistas. Entraram no edifício com teto alto. Admiraram as escadarias lindas, a riqueza dos acabamentos, as pinturas do teto era uma viagem no tempo.

— O Teatro de Manaus é um dos mais importantes do Brasil. Foi inaugurado em 1896 e é um símbolo da riqueza que a borracha trouxe para essa cidade e toda a região do Amazonas. Aliás, seu nome oficial é exatamente Teatro Amazonas.

O guia contou ainda curiosidades da construção, de como era na época em que se explorava a borracha na Amazônia e quanta riqueza isso trouxe para a cidade. Eles olhavam os detalhes da bela construção com os outros turistas.

— Nossa, essa pintura do teto é incrível — disse Gaby para Edu.

— Sim, esse teatro é muito bonito. Minha parte favorita são os lustres e a cortina.

No caminho de volta para casa, ela disse pensativa:

— Edu, se eu entendi direito, se de uma árvore como a seringueira se faz borracha. E foi isso deu tanta riqueza para essa cidade. O que mais as árvores podem dar?

— Muita coisa — disse Edu, satisfeito. — Muita coisa, menina da cidade! Você vai ver na comunidade, lá onde eu nasci: frutos, óleos, remédios, resina, palha, coquinho

Quando chegaram em casa, tio Miguel já estava mais calmo e pronto para dar sua gargalhada, que balançava até a barriga. Aguardava os dois na sala, e disse:

— Gostou do teatro, Gaby?

— É lindo e muito antigo, tio.

— Bem, querida, agora outro assunto: já que essa extração ilegal de madeira mudou nossos planos, vamos tratar de nos divertir lá na nossa pousada. Temos de ir para a Comunidade Santa Rita do Japiim amanhã! — E, se virando para o Edu, acrescentou: — Como você está se saindo como guia-oficial da minha sobrinha? Aproveite, já vai treinando para o turismo comunitário da Santa Rita!

— Claro, tio! A tia Leia já teve essa ideia e estivemos no teatro — disse o Edu, contente.

— Então, Edu, amanhã tenho de falar com todo mundo que está em volta, até o pessoal que está fazendo aquele manejo de Pirarucu e o pessoal da aldeia vizinha.

Todos foram descansar depois do almoço, um costume de lá, por causa do calor do meio do dia. Gaby abriu seu caderno dos Bichos, e olhou as colagens que tinha feito e colecionado durante tanto tempo. Estava na cidade dos papagaios e numa casa onde tinha morado até uma sucuri!

Pensou no teatro antigo e no shopping, no congestionamento e nas comidas perfumadas que provou. Algumas palavras estranhas, como esse tal de manejo, voltavam a sua mente. Será que ainda iria ver os outros bichos? Faltavam muitos: o boto, a sucuri, os tantos tipos de macacos, a harpia.

Pensou ainda que fazia uma viagem e amigos novos, que estava do outro lado do Brasil, num lugar chamado Amazônia, onde as pessoas falavam que iam para o Brasil. Era um sonho? Adormeceu.

“Como cantam alto esses passarinhos aqui em Manaus! Acho que eles estão contentes! Também, com esse jardim cheio de frutas”, pensou Gaby, se espreguiçando na cama fresquinha que a tia Leia tinha arrumado para ela no escritório do tio Miguel. Logo, se lembrou daquele jardim encantado da casa rosa. Olhou para os livros e para os vasos de cerâmica de formatos e tamanhos diferentes, uns desenhados e outros não.

Numa estante com vidro, achou alguns ossos e uma coisa que parecia uma unha de dinossauro, com um papel onde se lia “escama de pirarucu”. Num porta-retrato, havia uma fotografia dos tios debaixo de uma árvore gigantesca.

— É uma samaúma! — disse o Edu, apontando a árvore gigante da fotografia. Depois, olhando para a escama, complementou: — É de pirarucu. Em alguns lugares, eles até vendem como lixa de unha, sabia?

— Nossa! Que tamanho tem esse peixe, se a escama já é assim?

— Chega a pesar 50 quilos, pode ficar enorme. Você vai ver.

— Onde?

— Na minha comunidade, Santa Rita do Japiim. Perto das Anavilhanas, uma região onde vivem alguns dos bichos que você quer ver. É lá que fica a pousada do tio Miguel.

— É lá onde você mora?

— Agora eu moro aqui, mas minha família é toda de lá. Eu moro lá e aqui.

— Legal, você não é adulto e já tem duas casas.

— Nunca pensei nisso. Vamos colocar a mesa do lanche? Pega os pratos na cozinha

Gaby foi até a cozinha, onde a porta que dava para o quintal estava aberta, e ouviu um enorme barulho: bleim! Um pequeno macaco de cara preta derrubou uma bacia, pulou no muro e subiu na árvore alta que dava para a praça.

A menina voltou para a sala com o coração disparado de susto e alegria.

— Eu vi, eu vi! Vi um macaco pequeno.

— Ah! É o sauim-de-coleira — explicou a tia Leia, entrando na cozinha. — O símbolo de Manaus às vezes nos faz uma visita, apesar de estarmos tão no centro da cidade. O pobre está ameaçado de extinção.

Os dois começaram a arrumar a mesa do café. Tia Leia foi até o escritório e trouxe uma pasta. Quando abriram, juntas, Gaby não podia acreditar: eram pinturas e desenhos de plantas e bichos, os mais lindos que ela já tinha visto.

— É ele! — exclamou Gaby, reconhecendo o sauim-de-coleira.

— É, sim — disse tia Leia, satisfeita.

As duas foram para a mesa.

— Eu e seu tio Miguel temos a agência desde que chegamos a Manaus. Já vimos muita mudança por aqui e por lá, pelas Anavilhanas — explicou.

— E agora estamos desenvolvendo o turismo comunitário — completou Edu.

Tomaram um delicioso lanche com banana frita. Depois Gaby voltou ao escritório, queria ver mais das maravilhosas pinturas de sua tia. Aí reparou em umas pequenas esculturas: duas eram em forma de sapo, uma de formas geométricas, e tinham um fio.

“Parece um colar”, pensou, colocando perto do seu pescoço e se perguntando se eram pedras preciosas.

— São bonitos, não? — perguntou o tio Miguel, com sua voz de trovão, entrando no escritório.

— Desculpa, tio — disse a menina, levando um susto. Lembrou da sua mãe falando que não se devia mexer nas coisas dos outros.

— Imagina — tio Miguel falou. — Você sabe que esses são amuletos mágicos?

— Mágicos? — Gaby deixou o amuleto na estante com cuidado.

— São os muiraquitãs, feitos pelas índias icamiabas. Essas índias guerreiras é que deram nome ao rio Amazonas.

— Índias guerreiras, tio? E elas ainda existem?

— Olha, aqui no Amazonas você vai ouvir muitas histórias de bichos, de assombração, de gente que se transforma em animal, de seres da floresta. São as nossas lendas amazônicas. As lendas são o conhecimento para o seu povo.

Miguel tocou o muiraquitã de pedra verde na forma de um sapo. Ele fazia mágicas cócegas nos seus dedos. Logo sentiu um cheiro de umidade, de rio. E contou a história à Gaby.

— Que legal. E vamos entrar na floresta de verdade? — perguntou Gaby, depois de ouvir a história.

— Sim, quanto a isso você pode ficar tranquila — o tio Miguel amarrou o muiraquitã no pescoço da sobrinha. —

A LENDA DAS AMAZONAS

O primeiro navegador colonizador do rio Amazonas foi o espanhol Francisco Orellana. Veio com seu navio na primeira metade do século XVI. O frei Gaspar de Carvajal, que viajava nesse navio, foi quem disse que a embarcação tinha sido atacada por Amazonas.

A lenda das Amazonas vem da Grécia Antiga. Eram mulheres guerreiras que andavam a cavalo e viviam sem homens entre elas.

Diziam que as margens do rio eram povoadas pelas icamiabas, as índias guerreiras. Os colonizadores relacionaram as índias icamiabas ao mito das Amazonas, da Grécia Antiga. Foi assim que deram seu nome ao grande rio: Amazonas.

Com esse muiraquitã para lhe proteger, na sua aventura pela Amazônia com certeza nada de ruim lhe acontecerá!

Gaby sentiu aquele frio na espinha, mistura de alegria, de emoção e de medo. Afinal, e se desse de cara com uma onça na tal comunidade? Passou a mão pelo muiraquitã e sorriu para o tio.

— Obrigada, tio Miguel.

— Se você der de cara com uma harpia, um pássaro poderoso, nada de mal lhe acontecerá. Ou mesmo com uma onça! — disse o tio, lendo seus pensamentos.

— Nem mesmo num encontro com o Curupira?

— Nem mesmo com esse.

Os dois riam quando Edu entrou no escritório agitado.

— Você quer ver os bichos, não é? — perguntou.

— Claro!

“Será que ele vai parar de implicar com minha vontade de ver os bichos? Será que o poder do muiraquitã já está funcionando? Afastar as gozações.” Gaby pensou.

— Bem, já que pra vocês da cidade do Brasil, quaisquer três árvores formam uma floresta

— “Cidade do Brasil”, que estranho esse jeito de falar.

— Bem, lá na comunidade vou te mostrar uns bichos de arrepiar. Muita coisa aqui na Amazônia é diferente — Edu respondeu, rindo. — E você já sabe que, sem árvores, nenhum bicho vive, não sabe?

— Sim, claro que eu sei.

— Então vai colaborar com a gente nessa campanha?

— Claro que vou — respondeu Gaby.

Tio Miguel riu muito:

— É minha sobrinha, Edu. Nessa família somos todos corajosos. E ela já tem o seu muiraquitã.

A VIAGEM DENTRO DA VIAGEM

— Eu freio para preguiça! — exclamou o tio Miguel, quando brecou forte, fazendo todos chacoalharem dentro do carro.

“Ainda bem que nós estávamos todos com o cinto de segurança”, pensou Gaby. Percebendo como o para-brisa do carro tinha ficado cheio de insetos: “Pobre bichinhos mortos”.

Enquanto isso a preguiça atravessava a estrada, lenta, lenta, lenta!

— Edu, coloca ela de volta na mata antes que seja atropelada!

— Coloco, sim, tio, mas precisamos primeiro saber para que lado ela estava indo — respondeu Edu.

Esperaram a preguiça se mexer um pouco.

— Saber para qual lado ela estava indo? Por quê? — Gaby perguntou.

— Olhe bem, querida: a preguiça é lenta, mas não vai desistir de ir para onde queria — explicou a tia Leia.

— Você quer fazer um bem para todos, tirando a preguiça da estrada, mas se colocar a bichinha do lado de onde ela saiu, pode ter certeza de que ela vai voltar para a estrada! — completou tio Miguel.

— Nunca pensei nisso — concluiu Gaby.

Edu desceu do carro e, com cuidado, levou a preguiça até o lado certo da estrada, o lado para onde ela estava mesmo querendo ir.

— Posso passar a mão nela? — perguntou, Gaby descendo do carro também. — Nossa, que pelo duro!

— É, dá pra achar outros bichos dentro desse pelo, como besouros e até baratas.

— Eca, baratas! — disse Gaby tirando a mão. — Posso tirar uma foto?

Seguiram por aquela estrada mais alguns quilômetros e depois por uma estrada de terra.

— Tenho que falar com o chefe dessa tribo, nessa aldeia. Vamos ver se os madeireiros chegaram na divisa da reserva indígena — completou tio Miguel e saiu do carro.

Algumas crianças vieram conversar com Edu e Gaby pela janela do carro. Elas sorriam. Um pequeno menino puxou os dois para mostrar, todo orgulhoso, um papagaio que ficava em seu ombro.

— Ele anda solto assim? — perguntou Gaby.

— É, ele caiu do ninho e nós cuidamos. Ele fica aqui com a gente — respondeu o menino e começou a fazer sons que o papagaio imitava. Todas as crianças riram!

O chão era de terra batida e de longe se via uma construção de palha, bem grande.

— Essa construção se chama “oca” — disse Edu.

— A oca é a nossa casa — explicou uma menina.

Tio Miguel voltou para o carro contente.

— Já estão sabendo e vão avisar a todos.

As crianças da aldeia davam tchau!

Depois de mais uma hora na estrada, chegaram a um lugar na beira do rio. Havia uma casa de madeira e um barco esperando por eles. Tomaram o barco. O mato era baixo, não parecia nada com a floresta que ela tinha imaginado. Todos entraram no barco, que um homem com um boné vermelho dirigia. O céu rosa e azul-claro, com poucas nuvens, se refletia na água lisa como em um espelho.

O barco a motor ia deixando um rastro suave no rio.

— Sua sobrinha, seu Miguel? — perguntou o barqueiro.

— Sim, veio da cidade grande. Veio aqui ver o que é o Amazonas, sonha em ver os animais daqui.

— Ah! Então vamos ver se ela está com sorte.

O barqueiro desviou do rumo, entrando num canal menor. Depois diminuiu a marcha e por fim desligou o motor.

— Tuffff, thhhuuuuuufffff.

Foi aí que Gaby viu! Todos ouviram o barulho.

— São eles! — disse ela com alegria. — São os botos!

Todos no barco ficaram em silêncio para ouvir o barulho da respiração deles. Nadavam tão perto do barco que Gaby teve sensação de que poderia tocar as suas corcovas com as mãos. Eram lindos, brilhavam ao sol com sua pele molhada.

— Eles não têm medo? — perguntou Gaby.

— Boto não se pesca. Ninguém come boto por aqui. — Explicou o barqueiro. O coração de Gaby acelerou ao ouvir de novo a respiração desses animais, que ia ficando cada vez mais forte, clara e presente.

— Olha mais ali! — disse o Edu apontando ao longe um boto-cor-de-rosa que pulava. — Está com filhotes. Que emoção ver uma mãe com seus filhotes! Os olhos de Gaby se encheram de lágrimas.

O imenso boto-cor-de-rosa saltou da água para abocanhar o peixe que o barqueiro oferecia. Quando entrou na água novamente, molhou todo mundo no barco.

- Que delícia de banho! — Disse Gaby, rindo.

Depois que todos os botos nadaram para longe, o barqueiro ligou o motor e seguiu viagem.

Mais alguns minutos e chegaram à comunidade que Edu tanto falava!

Eram casas sobre paus em cima da água. Eram as famosas palafitas. “Como deve ser morar aqui?” pensou Gaby.

Quando o barco se aproximou, algumas crianças pularam de um galho de árvore direto na água.

— Edu! Edu! — um menino pequeno gritou.

“Porque será que aquele menino era tão querido pelos tios naquele lugar também?” Gaby pensou.

O barqueiro atracou em um cais de madeira que dava para uma varanda. Já estavam na pousada de tio Miguel e tia Leia.

Fizeram uma fila e foram passando as malas e pacotes de mão em mão. Era divertido descarregar o barco daquela forma.

Quando terminaram, tia Leia mostrou a pousada para Gaby.

As crianças que estavam na água entraram correndo pelo terraço:

— Edu, vamos jogar bola?

Subiram todos juntos para o campinho, mesmo molhados.

— Grama aqui na Amazônia? — disse Gaby.

A grama estava mesmo perfeita, lá mesmo. Uma menina bem pequena veio até ela e ofereceu um jambo para Gaby.

— Eu sou a Liziane, irmã do Edu.

— Eu sou a prima — disse a outra menina rápida. — Meu nome é Clara, e o seu?

— Gaby.

A menina era bonita, tinha cabelos lisos e negros como seus olhos, também negros e brilhantes. Pegou na mão de Gaby alegre e curiosa:

— A gente já viu muito turista aqui na Comunidade, mas vem pouca criança-turista. Vamos brincar?

— Do que vocês brincam? — perguntou Gaby.

— Ah! De nadar no rio e de Curupira também.

— Curupira? É aquele monstrinho da mata?

— Não é monstrinho. É um menino de cabelos vermelhos, de fogo, e pés pra trás. Ele defende a natureza! Brincar de Curupira é assim tipo um pega-pega — ela respondeu rindo.

Outras meninas chegaram. Umas tímidas, outras perguntavam de onde Gaby era, afinal ela era mesmo uma menina-turista. Logo tinha uma turma perto do campinho onde estava acontecendo um jogo.

— Olha! — disse uma delas apontando uma ave enorme que pousou numa árvore seca.

— É uma harpia, uma águia, uma das maiores aves do mundo — disse Gaby suspirando, feliz com a presença do animal na sua viagem.

— É ela, que nós chamamos de uiraçu. Deve ter visto alguma cotia para caçar — disse Clara.

— Amanhã começa o campeonato de pênaltis — disse a menina pequena, Liziane.

— Na nossa escola indígena fizemos bandeirinhas para enfeitar esse campeonato.

Pegou Gaby pela mão e a levou até a beira do rio. Lá, uma surpresa: um barco lindo e amarelo, onde estava escrito “escolar”.

— Vocês vão de barco para a escola? — perguntou Gaby.

— Nós não, somos dessa comunidade. As crianças das outras comunidades sim.

Edu chegou com alguns meninos usando a camisa de seus times. Eram de outras comunidades ribeirinhas, cada comunidade escolhia uma cor. Passaram pelas meninas muito sérios.

— E por que vocês fazem um campeonato só de pênaltis? Por que não jogam o jogo inteiro? — perguntou Gaby.

— São tantas as comunidades que querem participar que, se fizéssemos as partidas inteiras, levaria dias e dias o campeonato!

— É só vocês fazerem etapas eliminatórias, não é? — Gaby insistiu.

— Qual seria a graça? Vir até aqui e não jogar? E, de mais a mais, o mais legal desse campeonato é a festa — concluiu Clara.

— E como é essa a festa?

— Vem muita gente, de canoa e de todo tipo de barco.

— E tem pipoca no campo, música e dança — completou Liziane.

As meninas levaram Gaby para conhecer a escola da comunidade, que era colorida e não tinha janelas de vidros. Como nunca fazia frio lá, não era preciso fechar a janela nem a porta.

Depois foram até a escola indígena, que era feita de madeira: uma tábua e um espaço vazados, assim, de fora se via toda a sala e quem estava dentro estudando. A professora estava lá. Mostrou seus livros e explicou:

— Eu me reconheci na cultura de meus avós e resolvi fazer o curso de formação de professora da escola indígena.

Ela era uma moça bonita e não parecia ser diferente das moças da comunidade. Levava seu filho no colo e mostrava muita alegria em fazer aquilo que tinha escolhido.

— Nossa! Que legal, gostei das duas escolas. Se eu morasse eu poderia escolher?

Com um sorriso, ela disse que sim. Depois, disse que era hora de alimentar seu filho, cumprimentou as meninas e agradeceu a visita.

— Obrigada pelas explicações! — disse Gaby.

Foi até o campo, de volta, para ir para a pousada com Edu.

O céu estava ficando cor-de-rosa e Gaby sabia que era assim que se anunciava a noite naquele lugar.

Respirou fundo e percebeu o cheiro diferente e maravilhoso que vinha das altas árvores. Até o ar era diferente lá. Diferente como? Não saberia dizer, mas era, sim, o ar da Amazônia.

No terraço da pousada estava o tio Miguel na sua rede:

— Olá, meninos! Tiveram um bom dia?

— Ótimo, tio! — respondeu Gaby entrando.

A pousada era uma casa de madeira, de paredes decoradas com artesanatos, além de aquarelas da tia Leila, mostrando plantas e animais da Amazônia. A palha usada no telhado do terraço substituíra as telhas e deixava a pousada com um ar diferente.

Chegaram no quarto, que tinha cama e rede, o hóspede podia escolher onde queria dormir.

— Legal! Vou dormir na rede hoje — disse Gaby, reparando que as paredes tinham frestas. Olha, dá até para ver quem estava no outro quarto!

— Às vezes as casas aqui nem têm parede. A pousada do tio Miguel já está bem parecida com as casas da cidade.

— Hum — disse Gaby pensativa. — Tem mais diferenças com as casas da cidade? Explica melhor?

— Aqui vivemos em cima do rio. Sabia que tem até uma coisa que se chama maromba?

— Maromba?

— É um tablado de madeira, um assoalho. Quando o rio sobe e entra na casa, a gente sobe também o chão da casa — explicou Edu.

— Nossa! Aqui é mesmo um lugar de água. Eu bem que queria ir para a escola de barco.

— É, menina chique da cidade, por isso somos chamados de “ribeirinhos”. É muita água aqui onde moramos.

Gaby riu, Edu também estava rindo. Ela tinha um amigo amazônico e agora já sabia onde ele morava. Aos poucos aprendia como se vivia na comunidade Santa Rita do Japiim.

Os dois foram andar mais uma vez até a única venda da comunidade, no final da tarde. Na volta, encontraram um amigo do Edu pescando na beira do rio. Os dois falaram sobre a festa, de quando levavam a santa na barca. E depois o menino fez:

— Sshhh! Silêncio!

Os três ficaram em silêncio, olhando, concentrados até que: pluft!

O peixe prateado saltou na ponta da linha. Ele se torcia e espirrou água para todos os lados! Preso no anzol e ainda vivo, ele se debatia molhando todo mundo.

— Esse é para o jantar lá de casa — disse satisfeito.

“Edu e esse menino são um pouco diferentes dos meninos que conheço. Ele parece já um adulto, pegando peixe no rio para o jantar de sua família” — pensou Gaby.

COMUNIDADE E NATUREZA

Tinha dormido bastante e na rede. Foi para o terraço de madeira e ficou olhando a água do rio. Tomou seu café da manhã completo, como fazia todos os dias desde que tinha chegado a Manaus.

“Nunca vi tantos insetos gigantes juntos! Ainda bem que a mamãe não veio. Com tantos insetos, ela ia morrer de medo!”, pensou, sentindo saudades e lembrando da briga feia que tinham tido antes da viagem.

“Adoro os insetos. Acho que vou mesmo fazer um desenho. Nunca vi de água doce, e tantos insetos de formas e cores diferentes. As formas das asas deles, uau! Que legal colocar a mão sem medo em um deles! Meu caderno está ficando cheio”, Gaby pensou com orgulho e o abriu.

“Era uma vez um rio grande. Um rio tão enorme que parecia um mar. Tão calmo que espelhava o céu e suas nuvens rosa. Como se a gente tivesse entre céu e céu! Acho que estou começando a fazer poesia”, pensou feliz.

— Gaby! Venha! — Edu gritou do barco a motor, que vinha na direção do terraço da pousada. — Vamos até a roça de mandioca da nossa família.

“Ele está animado, até parece um menino diferente do que conheci em Manaus”, reparou Gaby.

No barco o cachorro, chamado Lorota, abanou o rabo dando boas-vindas para Gaby, que perguntou:

— Vocês avisaram tia Leia e tio Miguel?

— Claro! — disse o homem que dirigia o barco. Junto iam ainda outros dois rapazes, além de Liziane, irmãzinha de Edu. — Você é a menina dos bichos? Parece que os bichos também gostam de você, pelo menos o Lorota aqui! — completou rindo.

— Au, au! — confirmou o Lorota.

— Oi! — disse Liziane, a irmã de Edu. Eu tenho 5 anos.

— Eu sou o Ronaldo, primo do Edu — disse o menino. Eu tenho 15.

— Prazer, Lúcio: 18! — Completou o último todos rindo com a pequena Liziane satisfeita em saber que todos tinham se apresentado como ela.

— Desde que cheguei na comunidade, conheci tanta gente que diz que é primo. Vocês são todos primos mesmo ou é uma forma de falar?

Todos riram, era mesmo um costume da região.

— É, não sei nem quantos primos eu tenho — explicou Lúcio. A comunidade é pequena e acaba que um de uma família casa, e todo mundo fica se chamando de primo, tio, tia, sobrinha.

O motor arrancou e, com o barulho, uma revoada de pássaros brancos apareceu de repente, perto da prainha da comunidade. As crianças, em cima de um galho de árvore, gritaram o nome de Edu e se jogaram todas na água. Elas faziam isso sempre, era bem legal.

Navegaram mais, então tio Ednei parou o motor perto da margem. O barco deslizou suave até uma mata. As árvores tinham, cada uma, folhas de diferentes tons de verde e formatos variados. E eram lindas se mexendo suaves no vento.

— Que delícia de cheiro! — disse Gaby.

— É a lofantera, ou chuva-de-ouro-da-amazônia — respondeu Ednei, tirando um cacho de bananas do saco e distribuindo. Em silêncio, cada um comeu a sua. Até que de repente

— Olha ali! — o coração de Gaby pulou de alegria ao ver o primeiro macaco em seu hábitat natural. — E ali!

Ednei sorriu satisfeito. Tinha colocado algumas bananas na proa do barco e dois macacos se arriscaram, pegando cada um a sua banana. Voltaram depressa para a mata, para comer no sossego. E apareceram outros. Cada vez mais os macacos se aproximaram. Ao perceber que ninguém no barco estava nem aí para eles, foram

chegando mais e mais perto: um, dois, três, quatro macacos pequenos dentro do barco! Até que veio uma macaca com um filhote dependurado nas costas e pegou a banana bem perto de Gaby.

— Uau! — exclamou Gaby.

Todos riram de alegria.

“Então eles também gostam de ver os macacos! Mas acho que é quase todo dia que isso acontece”, pensou Gaby.

— Estão pegando as bananas na mão do Ednei! — Liziane exclamou.

— Gostou? — Ednei perguntou satisfeito e piscou para Edu. Gaby percebeu que os dois tinham combinado de passar pelo lugar dos macacos para ela ver. Ficou muito contente. Talvez fosse por causa de gentilezas como essa que Edu era tão querido naquela comunidade!

— Não, não gostei eu adorei, Ednei! — Gaby respondeu. — Obrigada, obrigada, Edu! — Então arriscou um pouco e disse: — Agora sei que a vida de vocês aqui é diferente e por isso me chamou de menina da cidade! Tudo bem

— De nada! Então vamos. Hora da roça — disse Ednei, ligando o barco.

Mais adiante, pararam o barco, andaram até a trilha, que ia dar na plantação. Colheram algumas mandiocas.

— A mandioca é usada na nossa alimentação de muitas formas, como tapioca, farinha, biju, bebida cauim, cozida, frita e tantas outras! — disse Ednei orgulhoso. Os índios já cultivavam essa raiz antes da chegada dos portugueses. Nós fazemos roça no leito do rio nos meses da seca, quando a água baixa — explicou Ednei.

— Eu gosto de mandioca, mas lá em casa só tem de vez em quando — disse Gaby.

— Aqui, mandioca é todo dia! — exclamou Lúcio.

Seguiram com o barco carregado de mandioca!

MEDO E FLORESTA

— Tia, que bom que é dormir na rede! — disse Gaby, olhando para o céu enorme da Amazônia.

— Que bom que você gostou, Gaby, não é todo mundo que se acostuma não — disse tia Leila, espalhando alguns papéis e pincéis para começar suas aquarelas.

— Acho que vou até a venda — disse Gaby, querendo arriscar-se sozinha por ali.

Aí ela pensou: “E se eu der de cara com uma onça pintada?” Sentiu aquele arrepio na espinha. Aquele mesmo que sentia quando lia o livro. Só que agora podia ser um bicho de verdade.

As árvores em volta da pousada eram altas, os sons dali não eram de carros e outros sons da cidade. Naquele silêncio que não era silêncio cantavam muitos passarinhos, bem diferentes, uns dos outros e dos que já conhecia. Dava para ouvir uma ave que levantava voo de repente.

Quando acostumou o olho com o mato, no galho, lá no alto, viu uma preguiça! “Esse lugar é mágico.” Mais adiante, por um caminho perto do rio, ouviu um barulho: blumt!

Viu que era um jacaré mergulhando. Agora, sim, sentiu um frio na espinha!

Mais à frente, na trilha ao lado do rio, encontrou dona Nelina, aquela senhora simpática que tio Miguel falou que era uma líder da comunidade.

Edu veio atrás das duas e beliscou as costas de Gaby, que pulou:

— Nossa, você me assustou!

— Susto você ia levar se visse uma queixada. Esse, sim, é um bicho feroz — disse Edu.

— Queixada? — ela perguntou. — Mas não é a onça o bicho mais perigoso da floresta?

— Ah, não é não! — Edu disse firme. — Venha ver. Vou mostrar pra ela, tia.

Foi andando e chamando Gaby para uma trilha que ia para dentro da floresta. Dona Nelina, com um sorriso meigo e enorme, disse alto:

— Vê se passa em casa hoje à noite!

A mata foi ficando cada vez mais alta. Gaby esbarrou numa teia de aranha e se arrepiou.

— Cuidado! — disse o Edu.

A aranha enorme pulou para dentro da mata e sumiu entre as folhas. Andaram mais um pouco, até que chegaram numa clareira. Silêncio, parecia que até os pássaros tinham parado de cantar.

Gaby estremeceu! A luz que entrava por entre as folhas iluminou em volta de uma árvore, onde ela viu vários ossos

— Esse aqui é o queixada — disse o menino, apontando para uma dentadura de dentes afiados no meio dos ossos. — Ele é bravo, mas sabe por que é pior que a onça?

Gaby fez que não com a cabeça.

— Porque ele anda em bando. E se aparece um aqui há! Pode saber que tem outros por perto.

— E daí? — perguntou, Gaby.

— Daí você pode subir numa arvore bem alta e ficar esperando, porque correr não adianta! O bicho pega mesmo! Ou melhor: os bichos.

Gaby sentiu de novo aquele arrepio na espinha. E não conseguiu esquecer a história por todo o caminho de volta. Seu medo só aumentou quando Edu mostrou uma ossada ainda maior.

— Isso aqui era uma anta — disse, apontando ossos grandes. Ela é bem maior que o queixada... E mesmo assim não tem chance.

Gaby suspirou e olhou em volta, parecia tudo calmo, mesmo assim deu aquela vontade de apertar o passo e chegar rápido!

Sentiu um alívio quando viu a primeira casa aparecer. Afinal, os animais respeitavam o território humano e cada qual ficava, mais ou menos, no seu território. Nunca tinha pensado que ia se sentir tão feliz de estar em território humano!

Edu mostrou de longe a casa de Dona Nelina.

Gaby lembrou-se de como o tio Miguel gostava dela e do que ele havia contado de seus feitos. Foi ela quem reuniu as mulheres para fazerem a horta comunitária de Santa Rita do Japiim. Sempre chamava a todos para decidirem as festas. E era ela quem organizava a associação de artesãs, onde se faziam colares com sementes, cestas e outros artesanatos.

COMUNIDADES RIBEIRINHAS

Os líderes das comunidades ribeirinhas fazem as mesmas coisas que os demais moradores: cuidam da pesca e da colheita. Só que, além dessas atividades, os líderes participam de reuniões, organizam atividades e festas. Também procuram ouvir o que as pessoas precisam e comunicam essas necessidades, em Manaus ou outras cidades, às autoridades do governo.

Gaby e Edu andaram por toda a comunidade naquele dia. Na hora do almoço voltaram para a pousada. Tio Miguel estava satisfeito.

- Acho que vamos conseguir parar esse desmatamento. Pelo menos esse!
- Miguel, você se lembra como era quando chegamos aqui? Conte para os meninos.
- Claro, Leia. Não tínhamos luz elétrica e eram seis horas de barco, não tinha estrada perto.

Os dois ouviram com atenção, por horas, as histórias dos tios. Elas eram ilustradas pelas aquarelas de tia Leia, algumas mostravam bichos, outras plantas. Os tios sabiam como deixar as pessoas confortáveis. Tanto que também ajudaram a arrumar a sala e o terraço, para o café da manhã. “Tarefas que são chatas lá em casa, aqui são uma brincadeira. Será que é porque estamos perto do rio? Ou por causa das férias?”, pensou Gaby.

Quando já estava quase anoitecendo, os dois amigos saíram para passear. Edu foi contando de quem era cada casa.

- Todos primos? — Gaby perguntou rindo.

No final da rua, perto do rio, uma casa sobre a água chamou a atenção pela cor verde e pintura caprichada. Era a casa de Dona Nelina.

- Vamos tomar um café — convidou a senhora.

A casa de madeira era toda enfeitada com toalhinhas de crochê e artesanatos feitos ali mesmo na comunidade.

— Que capricho! — exclamou Gaby.

— Obrigada! Você está gostando daqui, da Comunidade Santa Rita? — perguntou Dona Nelina com um sorriso suave.

— Muito!

Uma criança veio entrando pela porta:

— Oi, tia! O que você fez de bom hoje?

— O de sempre mais broa de mandioca.

— Que delícia! — disse Gaby.

— E macaxeira (mandioca), sopa de pirarucu, feijão e arroz. E também banana frita!

Gaby e Edu estavam colocando a mesa quando mais crianças entraram:

— Bêncão, vó. — Todas diziam assim, apesar de não serem todas netas mesmo dela.

E foram sentando em volta da mesa, esperando que todos estivessem sentados para começarem a comer.

— Gaby, aqui tem até onça — disse Liziane. — Um dia eu vi, fiquei com medo. Ela passou pelo quintal e foi nadar no rio.

— Onça nada? — perguntou Gaby, surpresa.

— Sim! — disseram as crianças em coro.

— E nada bem — explicou Edu. — Onça é capaz de pescar tucunaré. Ela gosta mesmo é de comer jacaré, mas também pega peixe, ela vai matando a fome dela.

— Se prestar atenção, na margem do rio, bem na beirada, na mata, vai ver pelo menos três tipos de macaco! — disse Clara.

— E a preguiça, os jacarés — completou outro menino.

— Sim, e o xexéu, aquele que faz assim, um ninho comprido, você já viu?

Gaby fez que não com a cabeça. As crianças estavam animadas, pareciam fazer uma competição para contar, cada uma, uma história de bichos mais fantástica que a outra.

— E o jaçanã? — disse a outra criança

— E arara, você já viu? Ela é bem colorida — completou Liziane.

— A Liziane dava comida na boca da cotia, lembra? — disse a menina que tinha chegado depois e estava sentada num banquinho a pouco mais de um metro.

As crianças riam.

Uma lagartixa grande, quase um lagarto, atravessou a parede. Um morcego passou por cima da mesa, batendo suas asas, fez até um ventinho. Parecia que todos aqueles animais estavam fazendo parte do jantar e ninguém ficou com medo. As crianças apontaram para cada um dos bichos, rindo.

— Que legal! — concluiu Gaby. — Aqui na Amazônia vocês veem o que a gente só vê na TV e no zoológico.

— E na internet! — completou um menino pequeno.

— A irmã do Saulo tem uma preguiça que fica enroscada no seu pescoço. Alguns dizem que ela é perigosa, pois olha as unhas delas! São garras! Mas a menina não larga aquela preguiça. Nenhuma faz mal a outra — disse dona Nelina.

Todas as crianças tinham alguma história para contar.

— E de que vocês têm mais tem medo? — perguntou Gaby, curiosa.

— De assombração! — responderam em coro as crianças.

— É. Só de assombração, mesmo, pois a gente pega jacaré e pesca piranha! — disse Liziane rindo e se exibindo.

— E a gente não é índio, não, como muita gente pensa, sabia? A gente é caboclo, membro de comunidade ribeirinha — explicou Dona Nelina.

— Caboclo é quando sua avó era índia e seu avô era português, por exemplo — explicou a menina.

— E índio é quem mora com sua tribo. Quem permanece com a cultura, os costumes e a língua indígena.

— Sabe que são mais de 270 etnias indígenas no Brasil?

— É mesmo? — espantou-se Gaby.

— Hora da história — disse Nona Nelina. E contou a lenda do boto, com muito suspense. Ela era uma ótima contadora de história. E concluiu, voltando o assunto para os bichos:

— A onça é bicho muito elegante e independente. Se você não faz nada para ela, nada para assustar, atacar ou prender, ela nada faz para você. Outro dia, a onça pisou a área de terra perto da casa, entrou-se pelo rio e foi nadando até mais ao longe, a outra margem. — E depois, virando-se para as crianças: — Hora de dormir!

Cada um montou sua rede para a noite. Gaby e Edu seguiram para a pousada do tio Miguel e tia Leia com lanterna, que os adultos já deviam estar preocupados. De vez em quando a menina lembrava da ossada em volta da árvore, dos dentes afiados do queixada, do jacaré que tinha mergulhado bem perto dela e sentia aquele arrepio na espinha.

“E se tivesse algum bicho pelo caminho?”, pensou tremendo.

Quando Gaby e Edu voltaram para a pousada, encontraram tio Miguel na sua rede, no terraço da sua “Casa da Floresta”, como era chamada a pousada.

— Conseguimos pará-los — ele contou, satisfeito. — Pelo menos por enquanto!

— Nossa, tio! Como foi? — perguntou Edu.

— Olha, foi só juntando apoio de todos. O líder daqui foi até os órgãos governamentais com cartas, assinaturas e vídeos. Lá da aldeia, onde paramos no caminho, veio gente. E também juntamos amigos em Manaus. Conseguimos apoio em todo lugar!

— Também fizemos uma campanha nas escolas da região. Todos os professores e alunos apoiaram — completou tia Leia, feliz.

— É sempre bom mobilizar as pessoas. Parabéns, tio — disse Gaby, orgulhosa, e depois continuou: — Sinto que não é só aqui no Amazonas não, tia. A gente na minha escola fez uma gincana da separação do lixo para mudar os hábitos das pessoas.

Gaby e Edu sentaram-se perto do tio para ouvir os sons da noite.

— Sabe, tio, eu não pensava que iria conhecer tanta gente por aqui na Amazônia — confessou Gaby.

— Não é só você. As pessoas acham que aqui somos todos índios ou então que só tem bicho na Amazônia!

— Edu disse, agora com bom humor.

— Você pode contar isso para todos, lá no resto do Brasil, que aqui não é um vazio de gente — aí tio Miguel ficou sério. — Sabemos ainda muito pouco sobre a história da Amazônia. Recentemente pesquisadores descobriram que a população de índios daqui, antes dos portugueses, pode ter chegado a vinte milhões de pessoas.

— Vinte milhões é muita gente! — exclamou Gaby.

- Sim, e descobriram também que a floresta pode ter sido plantada por esses índios, porque espécies de árvores de um lugar foram levadas para outro lugar.
- Nossa!
- Hoje se sabe que existem estruturas grandes cavadas na terra, como os geoglifos no Acre. E não sabemos ainda para que serviam.
- Geo o quê?
- Olha só essa foto — Edu trouxe até ela a revista.
- Uau!
- Não se sabe o que são esses geoglifos, mas eles têm formas geométricas perfeitas.

OS ÍNDIOS E OS GEOGLIFOS

Os geoglifos talvez correspondam a fortificações. Os pesquisadores acharam cerâmicas e outros indícios de ocupação humana próximo a essas formas no terreno. Seriam de uma grande população, bastante organizada, que vivia aqui. O contrário do que sempre se imaginou, de que na Amazônia viviam só uma população pequena.

O que é um índio? É o membro de uma comunidade indígena, uma comunidade fundada por relações de parentesco ou vizinhança, que mantém organizações sociais pré-colombianas, ou seja, que já existiam antes de 1492, quando Colombo chegou às ilhas na América Central.

São várias populações humanas, grupos podem ter língua e cultura bem diferentes entre si! A história é longa. Quando os portugueses chegaram à costa do que viria a ser o Brasil, em 1500, esses povos já estavam aqui. Alguns indivíduos foram se misturando aos colonos. Mas antes disso existiam várias culturas, dos povos indígenas brasileiros, com línguas diferentes, costumes diferentes, hábitos e tudo.

- Nossa, como vou conhecer tudo isso? — disse Gaby.
- Só vindo outra vez — riu o tio Miguel. — Agora você já sabe o caminho!
- Sim, já conseguimos mobilizar a comunidade e afastar os madeireiros. Amanhã é outro dia, novos madeireiros virão, mas aqui na Amazônia é assim, uma coisa de cada vez — concluiu tio Miguel.
- E o que podemos fazer para impedir, tio?
- Falar sobre o que está acontecendo, Gaby! Só mesmo falando é que poderemos educar as pessoas que estão longe da floresta, em suas cidades. Temos de explicar a todos que o que consumimos nesses lugares pode afetar a floresta. Na maioria do tempo a maioria das pessoas não sabe disso.
- Entendo, tio. E a floresta tem condições de crescer novamente?
- Sim, tudo pode crescer de novo, mesmo que leve muito tempo.
- Vai, volta e fala para todos o que é a floresta! E que 20% do oxigênio do planeta inteiro dependem dela. É a maior floresta tropical do mundo!
- Eu quero que a minha comunidade tenha luz, energia, escola, saúde e trabalho para os jovens fiquem nela — disse Edu.
- E como vamos fazer?
- Vamos imaginar um futuro da Amazônia com floresta, riqueza e conforto para todos! — disse Edu
- Com alegria! — disse Gaby.



MANAUS DE NOVO

“Hummm tapiquinha com castanha, suco de cupuaçu, tucumã, muita farinha de mandioca, tucunaré e sempre as melhores bananas fritas do planeta”, pensava Gaby enquanto se espreguiçava e pensava no seu café da manhã e no seu novo dia em Manaus.

Já se lembrava, com água na boca, do nome de todas as comidas novas de que tinha aprendido a gostar. Ouviu os pássaros no quintal de tia Leia, e já sabia distinguir o canto de alguns, além de ter aprendido vários nomes novos de pássaros. Sentou-se na mesa do café da manhã sorrindo.

— Que bom que você gosta da comida da sua tia — disse Leia. — O que vai ser hoje? Vamos ver o encontro das águas?

— Já ouvi falar. Como é, tia?

— É o famoso encontro das águas do rio Negro com as águas do rio Solimões. O primeiro, como dá para imaginar, tem água escura e o segundo tem água cor de barro. Essas águas se encontram, mas seguem correndo separadas. É muito bonito.

— Que legal — Gaby disse, com seu entusiasmo de sempre. E depois acrescentou: — Tia, quero lhe contar uma coisa, agora que a viagem está chegando ao fim briguei feio com a minha mãe antes de vir para cá!

— Querida, brigas acontecem — e abriu os braços para Gaby com aquele coração grande de quem já viveu muitas coisas. — Conte-me o que aconteceu.

— Hum, dessa vez foi feio Ela não queria que eu tivesse um celular. Até ameaçou de proibir a minha viagem!

— Não fique assim, querida. Talvez ela só quisesse te proteger

— É, mas eu bati a porta! Até xinguei. Eu só queria tirar fotos de tudo com ele, tia.

— Vamos ligar pra ela já? Sem recado de textos? Fazer as pazes, afinal, já passou!

A tia pegou o telefone e discou para a mãe de Gaby. Ouviu o toque, passou o telefone para a sobrinha e saiu discretamente, deixando a menina falar com sua mãe.

Logo depois Gaby apareceu no escritório.

— Você vai pintar, tia? — perguntou, vendo a tia arrumar seus pincéis e papéis no escritório.

— Vou sim, querida. Como foi a conversa?

— Foi legal. Tá tudo calmo em casa.

— Que bom! Quando você voltar vai contar para ela todos os detalhes dessa viagem inesquecível, não?

Gaby fez que sim. Estava aliviada e ainda um pouco emocionada. Tia Leia preparou o papel para receber o desenho de uma orquídea rara. Na sua mesa estavam fotos e alguns rascunhos que ela mesma tinha feito na mata.

— Pronta para mais aventura, menina da cidade? — Edu entrou animado no escritório. — Vamos visitar o INPA?

— INPA? O que é isso?

— Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Lá tem peixe-elétrico, um dos que você ainda não viu! — Edu agora sentia mais alegria ao falar da paixão de Gaby pelos bichos.

— Estou pronta — ela disse alegre. — Mas e o encontro das águas?

— Podemos fazer esse passeio à tarde, eu encontro com vocês lá no porto, o Edu sabe onde é — disse tia Leia. — Agora vai e aproveita o passeio com Edu, você vai gostar.

— Ah, tia Leia, você pode nos levar até o ponto? — perguntou Edu.

No ônibus, Gaby viu um pouco mais daquela cidade enorme, que nem parecia estar em plena floresta.

Chegaram ao parque que abrigava o instituto de pesquisa, o INPA.

— Você quer ver o peixe-elétrico? — perguntou Edu.

— Claro que quero! O que acontece se a gente tocar nele?

— Ah! Você toma um choque!

O parque, apesar de não ser a floresta, tinha também árvores gigantescas. Mesmo na sombra estava quente e úmido. Os dois viram o peixe-elétrico, o jacaré, as piranhas, a ariranha e outros.

Gaby queria decorar todas as informações sobre eles, queria gravar cada minuto daquele passeio.

Chegaram a uma casa feita de palha, com artesanatos: colares e pequenos modelos de animais em madeira estavam lá. Três mulheres mostravam seus artesanatos.

— Edu, elas são índias? — Gaby perguntou baixinho para o amigo.

— Sim, elas são de etnia indígena e vivem nas suas aldeias.

— Todos esses animais em madeira, essas cestas, esses brincos de miçanga foram elas que fizeram? — Edu acenou que sim

— Quero levar esses brincos para minha mãe.

Edu e Gaby ouviram a explicação sobre o significado do desenho dos brincos. As indígenas falavam com sotaque. Edu explicou que português não era a primeira língua delas.

Foram andando até uma sala pequena e cheia de livros. Edu apresentou Gaby para Camila, a pesquisadora. Depois das apresentações, Edu falou da aventura de parar aquele corte de madeira ilegal perto da sua comunidade.

— Quando uma árvore é derrubada, muitos animais ficam sem casa e morrem. E como um animal depende do outro para viver, isso prejudica toda a cadeia alimentar. — Camila explicava com calma. — Na floresta existem

muitas espécies que não conhecemos, de plantas, de animais, de fungos! As pessoas não sabem o valor da floresta de pé! — Camila concluiu energeticamente e entusiasmada.

— Eu estudei a cadeia alimentar na escola — lembrou Gaby, animada. Ela adorava tudo que se relacionava com bichos.

A pesquisa de Camila media o tempo de vida das árvores. Ela sabia até como as árvores se comunicavam.

— As árvores conversam? — espantou-se Gaby.

— Hoje sabemos que existem fungos que passam pela raiz as informações para as outras árvores que estão perto. Estamos estudando essa rede de comunicação da floresta.

— Uau! Eu já adoro árvores, agora sabendo que elas são inteligentes, então — disse Gaby.

— Tem muita coisa que pode ser plantada e aproveitada pelo homem sem derrubar a floresta — disse Edu.

— Como por exemplo? — Gaby quis saber.

— A borracha da seringueira, o cacau, o tucumã — Camila respondeu.

— Vamos imaginar que muitas pessoas vão ficar sabendo de tudo isso e mudar de comportamento!

— Como assim, Gaby?

— É simples, vamos fazer uma lista?

— Que lista?

— Ah, das coisas que a gente compra ou usa que vêm da floresta? De tudo o que a gente pode fazer para conservar a floresta de pé?

— Sim — explicou a Camila — Vamos fazer a lista dos comportamentos das pessoas na cidade que impactam a floresta. Isso é importante mesmo.

— Será que vai ser simples assim? — questionou Edu.

— Saber é o começo, Edu: sabendo da lista, cada pessoa poderá escolher se ajuda a preservar ou a desmatar. Resolver, mesmo, depende de muita gente. De todo jeito, essa é a viagem mais fantástica que eu já fiz. A floresta é linda! Eu vi que existem muitas pessoas vivendo em paz com ela por aqui e todo o mundo devia saber disso longe daqui — Gaby falava com entusiasmo.

Os dois se despediram de Camila. Almoçaram e foram no Porto de Manaus, onde iam encontrar tia Leia.

Lá, Gaby experimentou peixes fritos espetados em palitos, como se fossem sorvete! Viram muitos barcos atracados, além do comércio. E no meio disso tudo estava tia Leia, acenando para eles com seu chapéu.

— Fizeram um bom passeio? Olha, vamos até aquela barca. — Apontou para um barqueiro, que logo acenou para eles.

Era mestre Jonas, um barqueiro e amigo do tio Miguel que os levou até o encontro das águas.

— Nossa! Como é que não se misturam essas águas? Cada coisa linda e diferente que eu vi aqui, Edu! — disse Gaby, contente.

— Vamos tirar uma foto de vocês dois com as águas ao fundo — disse mestre Jonas, tirando seu celular do bolso.

Gaby e Edu deram um abraço para tirar a foto, quando viram, ao fundo de cada um dos dois, uma água de cor diferente. Lembrou das suas amigas na escola: “Se elas vêm essa foto, já vão chamar a gente de namorados, ficantes... sei lá! Mas o Edu é meu amigo, amigo de verdade, e isso não vou esquecer”.

A água marrom-claro e a água marrom-escuro corriam no mesmo leito de rio sem se misturar. Pareciam eles dois: duas crianças de partes diferentes do Brasil que agora eram amigos vivendo aventuras.

FIM DA VIAGEM COMEÇO DE QUÊ?

Gaby acordou cedo naquele dia de voltar para casa. Tomou seu café e voltou para o quarto, para arrumar sua cama pela última vez no escritório do tio, em Manaus. Arrumou a sua mochila, que agora estava lotada; além da sacola de presentes, que a tia fazia questão de mandar para a família da cidade. Sentia-se sortuda, feliz, além de ter tomado aquele café da manhã maravilhoso. Sentou-se e pensou nas pessoas que tinha conhecido em tão poucos dias.

“Quanta gente diferente no mesmo país, no mesmo Brasil: a Camila, as índias, Dona Nelina, Ednei, Liziane o Edu”. Pensou e suspirou satisfeita quando entrou Edu:

- Licença? Você já está pronta para ir embora?
- Quase... falta só guardar aquelas roupas na mochila, escovar os dentes e...
- Esse é para você – disse Edu, estendendo um pacote para ela.
- Para mim?

Gaby abriu o pacote e, para sua surpresa, viu uma coroa de sementes, flores de crochê e penas, num arranjo colorido e original, como nenhum outro artesanato que ela tinha visto. Edu sorriu satisfeito:

– Eu que tive a ideia e a D. Nelina que fez. É uma coroa da floresta, para você lembrar sempre da gente, de nós, do rio e da floresta.

– É maravilhoso, Edu! Parece um cocar indígena misturado com uma coroa de fadas. É mesmo sua invenção ribeirinha?

Edu riu, os dois estavam felizes. Gaby sabia agora como aquele presente e os colares de sementes que levava para suas amigas eram feitos com carinho numa comunidade. Sua mochila de volta estava bagunçada, com muita roupa suja, outros presentes, óleo de andiroba e copaíba, que a tia insistiu que ela levasse para a família,

além de histórias e palavras novas.

O sol tinha mudado a cor da sua pele e ela se perguntava se seria descendente de indígenas, como Edu, que disse:

— Vamos continuar amigos mesmo longe, certo, menina da cidade?

— Certíssimo, amigo amazonense! Teremos comunicação instantânea assim que tivermos aparelhos celulares — disse Gaby, agora com o coração leve, com a briga com a mãe já longe. Afinal, como disse a tia Leia, era só uma questão de tempo, um ou dois anos a mais e ela já teria o seu... ou até outro tipo de comunicação que seria inventado em breve! Tia Leia tinha uma imaginação de artista.

— É, por enquanto a gente pode mandar e-mail... manda para mim fotos dos seus amigos de lá. E se achar algum bicho estranho na cidade, coloca no seu caderno! — disse Edu, apontando o caderno cheio de colagens e desenhos.

— Quase ia me esquecendo — Gaby disse e pegou o seu caderno de bichos. — Obrigada, Edu.

— Não esqueça de contar para as crianças do Brasil que aqui também tem gente!

Edu não perdeu a oportunidade de fazer uma pequena provocação. Para Gaby, agora era divertido. De mais a mais, além de ter encontrado alguns moradores da Amazônia, agora tinha mais bichos do que quando chegou. Outros ainda estavam para serem completados com as fotos que tirou na viagem e mesmo sabendo que tinha visto muitos animais, outros tinham ficado no escuro, no fundo da floresta, lá onde eles queriam estar.

Afinal, a maior floresta tropical do planeta ainda tinha espécies de animais e plantas para serem descobertas. Tia Leia e tio Miguel entraram no escritório.

— Tudo pronto?

— Sim, só falta isso — Gaby abraçou os tios. — Obrigada! Foi incrível!

— Então, volte sempre. E convide os amigos — disse tia Leia. — Temos lugar.

Espaço é o que não faltava naquele lugar onde tudo era grande: rio, floresta, peixe, cobra...

O pato entrou pela porta. E quando Edu fez aquele barulho, claro que o papagaio apareceu na janela.

— Agora a despedida ficou completa.

Os quatro entraram no carro, a casa rosa foi ficando pequena.

— Vamos logo, se não podemos pegar um congestionamento — disse tio Miguel.

Gaby lembrou-se dos cheiros da floresta. Passou a mão no bolso e aí estava ela, a lista que tinha feito com Edu.

“Será que eu consigo ajudar a floresta Amazônica? E as pessoas que vivem na floresta? Será que meus amigos vão me ajudar? Quantas crianças podem saber de tudo isso que agora eu sei?”, pensou Gaby.

Edu disse os nomes: sanhaço-da-amazônia, muito azul; araracanga, de um vermelho que parecia pintada; suiriri-amarelinho!

LISTA DE COISAS PARA VOCÊ FAZER, SE ACHA QUE PRESERVAR A FLORESTA AMAZÔNICA É IMPORTANTE

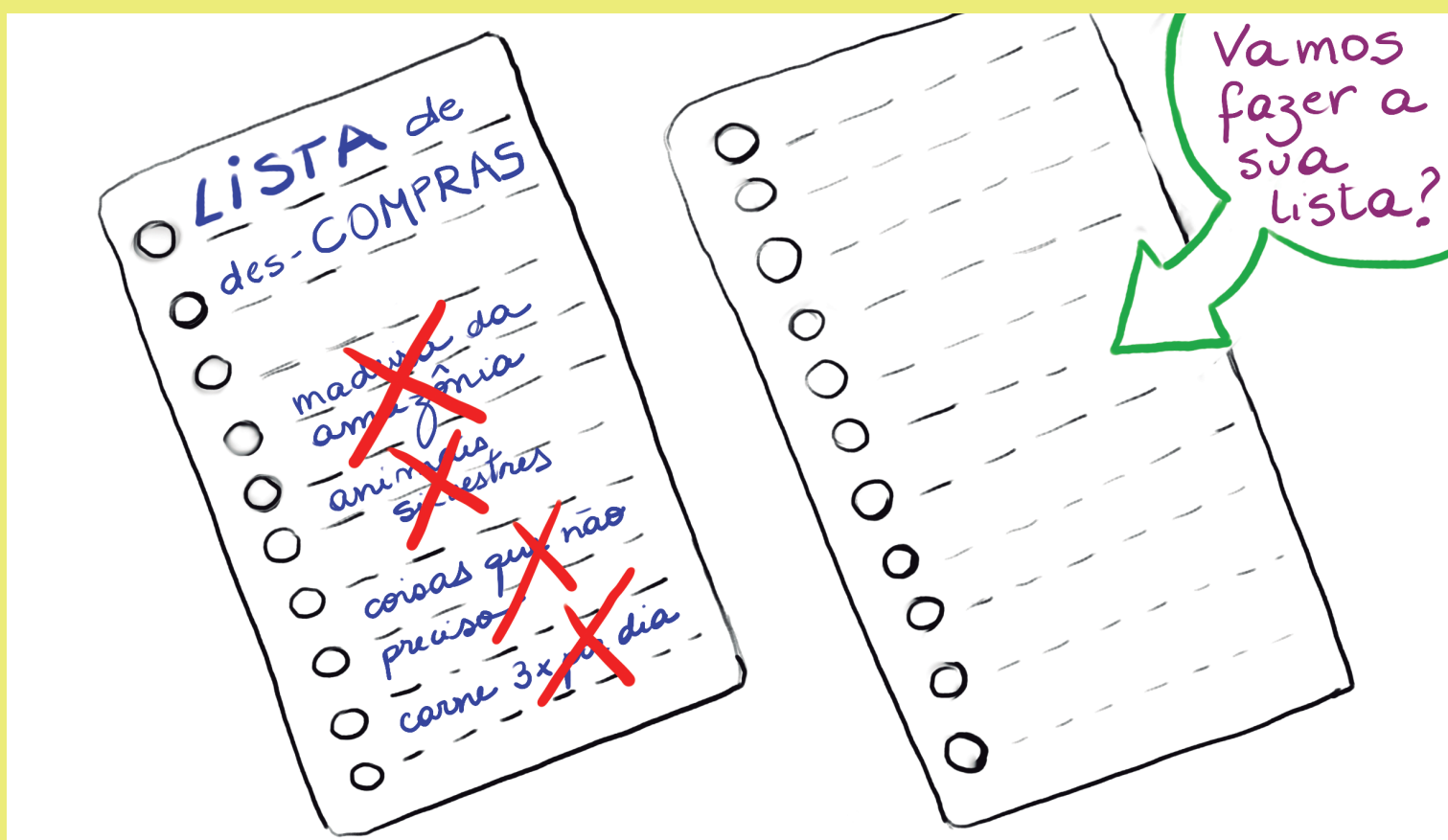
1. Seja sempre curioso, pergunte e pesquise o que está acontecendo lá!
2. Procure saber de onde vem o material com que são feitas as coisas que você compra.
3. Procure pesquisar sempre como as coisas foram feitas: a mão ou a máquina? em uma casa ou numa fábrica?
4. Prefira produtos da floresta como castanha-do-pará e açaí, que são extraídos sem que as árvores sejam derrubadas. Evite palmito, pupunha e outros, que quando são retirados a árvore morre.
5. Coma menos carne de vaca. Para produzir sua carne são necessárias pastagens, que tomam o espaço da floresta.
6. Utilize produtos com madeira de manejo, de reflorestamento. Procure sempre saber a origem das madeiras presentes no que está a sua volta.

7. Ajude a preservar o meio ambiente com pequenos gestos, como: não jogar lixo no chão, reciclar, reutilizar, reduzir o consumo.

8. Pesquise como são denunciados o desmatamento e as queimadas ilegais.

9. Seja uma criança criativa. Se você cresce com curiosidade e vontade de saber, vai contribuir para o meio ambiente e para a sociedade onde vive positivamente.

10. Sinta alegria por estar num planeta tão belo. Sempre!



FICHA TÉCNICA

EDITOR

Kore Produções Culturais Ltda

AUTORA E ILUSTRADORA

Gabriela Brioschi

COORDENADORA GERAL

Tatiana Farias

DESIGN GRÁFICO

Tayla Nicoletti

REVISÃO

Tereza Pozzoli

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

Sandra Downey

TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL

Carmem Briones

ASSITÊNCIA JURÍDICA

Neufeld Sociedade de Advogados

ADMINISTRAÇÃO

Walquiria Garcia de Medeiros

ASSISTENTE

Thais Schmidt

TRATAMENTO DE IMAGENS

Rodolfo Marcondes

GRAVACAO DE IMAGENS

Juliano Chiquetto

DIVULGAÇÃO

Kaique Maia

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Luli Hunt

DIVULGAÇÃO E SITE

Acanada

REVISOR TÉCNICO SUSTENTABILIDADE AMAZONIA

Luiz Cruz Vilares – Através do apoio técnico da
Fundação Amazônia Sustentável

ASSESSORIA TÉCNICA PARA LEIS DE INCENTIVO

Luli Hunt, Cidadania Corporativa

AUDIOBOOK

Paulo Reis Brioschi

CAPTAÇÃO E AGENCIAMENTO

Suzana Campos Souza, Projetos Lezulat

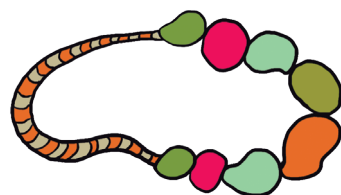
IMPRESSÃO E ACABAMENTO

EGB, Editora Gráfica Bernardi Ltda

REALIZAÇÃO

Lei de Incentivo Cultural

Kore Produções Culturais



SOBRE A AUTORA E ILUSTRADORA GABRIELA BRIOSCHI

Artista visual, arte-terapeuta, escritora e ilustradora, Gabriela Brioschi, começou, como muitas crianças, a desenhar cedo. Teve oportunidade de visitar Bienais de Arte de São Paulo e outras exposições com sua família, estabelecendo um contrato rico e prazeroso com a arte.

Estudou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e na Escola de Comunicação e Artes, ambas da USP. Em 1983, a artista se mudou para a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, onde fez suas primeiras ilustrações para publicações locais. e Lá participou de cursos livres de desenhos, pintura e gravura na Art Students League of New York. Depois disso ela morou e trabalhou também na Grécia, na Alemanha, e em Portugal.

“O desenho é meu amigo constante, assim como a escrita. Ando com cadernões e caderninhos sempre, por onde vou. Neles, a matéria –prima para pinturas, livros e ilustrações. Quando escrevo, vou pensando nas imagens. ,E quando faço as imagens, vou anotando textos, frases que vem vêm e vão, imagens que se formam e desaparecem.”

Gabriela acredita que a sua produção artística também se relacione com a escolha de seu local de trabalho. Seu atelier ateliê é organizado dentro de sua própria casa, e isto atribui essa característica ao do espaço em que onde produz atribui um caráter mais subjetivo e pessoal à sua obra.

“Eu trabalho na minha casa, o artista não se separa do seu trabalho, nem quando dorme, aliás durante o sono trabalha bastante.”

“Eu trabalho na minha casa! O artista não se separa do seu trabalho nunca, nem quando dorme... Aliás, até durante o sono, eu trabalho bastante. Trabalhar é um grande prazer para mim!”

CONHEÇA MAIS SOBRE O PROJETO SUSTENTAMUNDO

E ONDE FICA A AMAZÔNIA?

Essa obra foi impressa
no couché brilho importado
150g tipologias Spinnaker
e DK Midnight Chalker